

Salada ideológica

ALUIZIO MARANHÃO

Quando os discursos se embarralham, na poeira da demolição do Muro de Berlim, acontecem situações curiosas e reveladoras. Agora mesmo, a Suécia acaba de voltar para o controle das rédeas social-democratas, depois de três anos de governo conservador. Até aqui, nada surpreendente. Sucede que os representantes do que se chegou a chamar de socialismo escandinavo reassumem o poder com propostas dentro do mais perfeito figurino considerado outrora "liberal": redução do déficit público, aperto de cintos generalizado. Não é para menos. Trinta anos de exercício do poder pela social-democracia fizeram surgir um déficit orçamentário de 13% do Produto Interno Bruto (PIB), proporção capaz de rivalizar com os índices dos piores momentos das economias de abaxo da linha do Equador.

É grande a confusão surgida neste fim de século na geografia ideológica, em que tradicionais símbolos e clichês do que na era Muro de Berlim se entendia por direita e esquerda volta e meia aparecem de lado

trocado. Ou aparentemente trocado. Exemplo: o segundo governo do francês François Mitterrand teve como importante tarefa privatizar o que o primeiro governo François Mitterrand estatizou, numa demonstração de autocrítica explícita.

As composições e alianças políticas existem para viabilizar programas que a História julgará, o que não significa defender a tese de que os fins justificam os meios. Não devem causar calafrios acordos políticos que ponham lado a lado o que era considerado "direita" e "esquerda" nos manuais da guerra fria. Mesmo porque não é de hoje que o jogo de alianças no Brasil tem sido mais sortido do que parecia à primeira vista. Ora, em pleno regime de chumbo, a esquerda brasileira se aliou a militares para juntos criarem uma tecnologia "genuinamente brasileira" na área de informática. Muitos dos que hoje se horrorizam com a montagem da frente entre social-democratas e liberais para colo-

car Fernando Henrique Cardoso no terceiro andar do Palácio do Planalto nada viram de mau naquilo.

O casamento de interesses entre o operariado organizado do cinturão industrial de São Paulo e os beneficiários do dogma da reserva de mercado aboletados na Federação das Indústrias do Estado (Fiesp) abala as convicções dos mais ardorosos militantes ortodoxos, daqueles que acham que o planeta é pe-

queno demais para abrigar mais do que uma classe social, a dos trabalhadores.

É conhecida a ciranda em que bailavam harmonicamente salários e preços indexados. Reivindicações de reposição de perdas

salariais eram atendidas por empresários confiantes em que as barreiras tarifárias erguidas para proteger seus mercados cativos os manteriam livres dos horrores da concorrência externa, não importando o preço de suas mercadorias. O final dessa dança, ao som do compasso da abertura crescente da economia, causa choro e ranger de dentes e cria cenas que valem por cursos inteiros de ciência política. Uma

Não devem causar calafrios acordos políticos que ponham lado a lado "direita" e "esquerda"

delas foi a presença na Fiesp de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT, para cobrar dos empresários mais agressividade na defesa do cartório do mercado reservado. É de revirar Lenin no mausoléu. Registre-se que muitos dos que se encontram abrigados sob o favoritismo de Fernando Henrique Cardoso também souberam usufruir da sombra desse guarda-chuva cartorial.

A salada política é variada. Se usineiros e outros personagens do passado são passageiros do heterogêneo comboio que segue o candidato tucano, o PT, partido que surgiu de um movimento sindical renovador, abriga na sua militância representantes de privilegiadas corporações estatais, cujo pedigree de atraso é tão apurado quanto o de empresários que vivem à custa do Erário. Então, é claro que essa discussão em torno de frentes e alianças, travada em clima de arquibancada de campo de futebol, não leva a nada. A não ser mascarar o que realmente está em jogo a partir dessas eleições, que é a possibilidade — ou não — que as elites terão de desatar o nó da crise social sem precisar tachar empresário de "explorador do povo" e trabalhador de "inimigo do lucro".

■ Aluizio Maranhão é diretor de redação do Estado